

POR UMA PESQUISA CRIANCEIRA, POR UMA ESCRITA DESOBEDIENTE

FOR A CHILDISH RESEARCH, FOR A DISOBEDIENT WRITING

Gisele Caroline Ruiz Duran¹

Renata Reis Genuíno²

RESUMO: Escrevo em algum momento do tempo esse resumo sobre a escrita. O que posso escrever com ela dela própria? No mesmo instante em que a escrita se faz na dança das palavras, o pensamento se movimenta com elas. Nesse texto-ensaio conto como a escrita de minha Dissertação de Mestrado em Educação se perdeu, desacomodou-se, e nesse perder-se, se inventou outra, revisitou e desfigurou as experiências que haviam sido vividas no caminhar da pesquisa. Uma pesquisa crianceira, já que uma experimentação nos territórios da infância e da imagem não se constrói com um projeto rígido, com regras, métodos e conceitos, e ao buscar uma escrita que desse expressão para o vivido ali, aos encontros, às texturas, às cores e aos sons, que me religariam à infância e à origem, recusei a escrita acadêmica e persegui a escrita desobediente, a escrita como experimentação e como prática de mim.

Palavras-chave: Escrita; Leitura; Infância; Experiência.

ABSTRACT: I write this summary at some point in time. What can I write with it about itself? At the same time that writing happens in the dance of words, the thought moves with them. In this text, I tell how my master's dissertation in education got lost, unsettled itself, and on this losing itself, another was invented, revisited and disfigured the experiences which had been lived no the path of the research. A childish research, considering that an experience in the territories of childhood and of image is not built with a rigid project, with rules, methods and concepts, and the search for a writing that would expresses what was lived there, the encounters, the textures, the colors and the sounds, that relinked to the childhood and to the origin, I refused academic writing and pursued disobedient writing, writing as experimentation and as a practice of me.

Keywords: Writing; Reading; Childhood; Experience.

1 Graduada em Pedagogia e Mestre em Educação ela UFSCar. Professora de Educação Infantil na Cooperativa Educacional de São Carlos. [gicarolduran@gmail.com]

2 Graduada em Pedagogia pela FE/Unicamp, graduanda em Psicologia pela UFSCar e Mestre em Educação pela UFSCar. [rereis.genuino@gmail.com].

Como escrever a não palavra a partir da palavra?

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Palavras de Clarice.

Dentro da academia somos deliberadamente forçados a escrever, a produzir linhas e linhas de verdades, a repetir palavras, a referenciar conceitos, a escrever perguntas e a encontrar respostas, a sermos fidedignos ao que os outros escreveram. *Fidedigno, aquele que é digno de fé, de confiança; verdadeiro; real; autêntico: cópia fidedigna.*

Obriga-se a chegar ao conceito. E para isso lemos. Somos forçados a ler, a ler o que escreveram do conceito, a ler o que escreveram do que leram do conceito, a fixá-lo, a decodificá-lo, a defini-lo, a reduzi-lo a palavras. Palavras repetidas. Cópia fidedigna.

Como ler e escrever dentro desse território rígido a partir das minhas próprias forças, das relações e dos afetos produzidos no pesquisar, a partir do meu corpo, da minha pele em contato com o mundo, com o papel, com a caneta, comigo mesma? Como fazer caber meu corpo nas (entre)linhas feitas milimetricamente a 1,5 cm para se encaixar conceitos? Como produzir alguma diferença no lugar da repetitiva descrição que os textos acadêmicos exigem? Como fazer da pesquisa composição e invenção para além dos roteiros estabelecidos? Como encontrar uma brecha para escapar das normas que me aprisionam em moldes, modelos e padrões?

Proponho aqui apresentar um texto-ensaio que conte sobre minha pesquisa em Educação e Infância e os movimentos, os atravessamentos e os desvios que se fizeram no processo de escrita da dissertação. Nele, me perdi no momento em que a escrita deixou de *contar* da experiência e tornou-se a *própria* experiência, quando a escrita se fez pesquisa, pensamento, re(visitação) do vivido, do sentido, do escrito e do apagado. Esse movimento se deu quando parei de buscar os conceitos para encaixá-los a todo custo na experiência, quando me deixei afetar pela literatura de Clarice, pela poesia de Manoel, pelas lembranças da infância de Benjamin, pelas perguntas sem respostas de Neruda e principalmente quando tornei de minha escrita uma prática de liberdade, de arte, de expressão, de corpo e de alma. Quando tornei de minha escrita uma prática de mim.

Em uma escrita acadêmica tem-se por formalidade escrever "sobre a realidade do outro", a partir de pressupostos técnicos e metodológicos impessoais. Como pesquisadora em educação e infância desobedei, me fiz cadinho, cadinho de dias de sol e chuva, de imagens criadas, de palavras e silêncios, de memórias, de vividos e inventados, da experiência que senti na pele, que vivi no corpo, dos encontros que me transformaram, que me fizeram voltar a histórias de infância esquecidas na

memória, que me levaram a viver outros tempos e retornar para esse outra eu. Experiência que podia e que precisava contar com minhas *próprias palavras*. Como escrever com suas próprias palavras quando o que se espera de nós é que escrevamos com as palavras do outro, com as palavras do especialista?

Para escrever com suas *próprias palavras* é preciso se perder no caminho. Desviar, voltar, testar atalhos, andar em círculos, apagar os rastros e criar outros. Um caminho reto, cheio de certezas, sem rasuras e sem rabiscos torna-se repetição. Cópia fidedigna.

Apreendi isso escrevendo. Escrever só acontece no instante do ato da escrita. Mas algo se transformou depois da ocasião de minha banca de qualificação de dissertação de mestrado. Já havia boa parte do texto pronto, linhas e linhas de conceituações, descrições das experiências e reflexões sobre livros, palavras, infâncias e imagens. Algumas des(orientações) foram seguidas: leia Benjamin, mas leia para a vida, leia despretensiosamente, ele é um autor para ser vivido. Leia O menino a bico de pena, de Clarice, leia despretensiosamente, e encontrará a infância de que fala aqui.

Como conhecer jamais o menino? Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore, e só então ele estará ao meu alcance. Lá está ele, um ponto no infinito. Ninguém conhecerá o fioje dele. Nem ele próprio. Nasci ali, pelo meio. Atingi a palavra primeira depois de muito dizer. Li despretensiosamente, no melhor sentido da palavra, li sem me obrigar a ler. Esqueci dos conceitos, dos objetivos, das explicações, dos apriores e aposteriores, li sem querer decodificar, li como a criança que lê pela primeira vez, que se alegra em juntar letras e sílabas, que não precisa entender, que desobedece a lógica e inventa sentidos.

Carlos Skliar diz que nossa alma se retorce ao perceber que a leitura se transformou em somente estudo, em ir ao ponto, ao grão, ao conceito determinado. Pesquisar no território da infância exige escutar a alma, olhar para o detalhe, derrubar as estruturas, desobedecer a linguagem, sentir as palavras, errar a escrita, rasgar o papel de tanto apagar, escrever por cima dos rastros. Tentar descrever ou interpretar em palavras as imagens e as experiências infantis se mostrou inútil, é preciso então encontrar na escrita uma forma de dar expressão para as forças, os olhares e os afetos que ali se construíram.

Depois retornei para a escrita, quando o implacável Cronos bateu à porta. Não havia mais volta, só encontrei ruínas. A escrita havia se perdido na cidade e me jogado para fora de mim mesma, permaneci no labirinto entre o silêncio de Clarice, o balbúcio do seu menino, o ruído das primeiras conversas telefônicas de Benjamin, e por um momento tudo virou silêncio e breu, não me reconhecia mais nos escritos anteriores, nos conceitos e explicações, as palavras repetidas não diziam mais

da experiência, ela inteira havia se transformado em estranhamento e ruínas.

Não se tratou mais de uma leitura que busca a imitação ou uma escrita que cria cópias fidedignas, foi, como escreveu Larossa, uma provocação de ressonâncias, as palavras ressoaram em mim, no meu silêncio. E eu nelas, nos seus silêncios. Tudo se transformou.

As leituras e o movimento de escrita que se fez com elas reverberou nas experimentações e nas imagens, desacomodou-as dos seus lugares e tirou-lhes os sentidos. Gostaria de ter escrito que para compreender-me, destruí-me, e que compreender é esquecer de amar, mas Fernando Pessoa escreveu primeiro. Como tornar meu o já escrito?

Ali as leituras, despretensiosas que eram, desfizeram os escritos anteriores como as árvores se desfazem das folhas amareladas no outono, ou são as folhas que se desfazem das árvores?

Por qué se suicidan las hojas

Cuando se sientem amarillas?

As palavras fugiram e foi preciso uma nova estação para se criar nela novas palavras. Mary Beton³, em uma tarde de outono, sentada às margens de um rio se perdia em seus pensamentos e os comparou a um peixe em movimento, que deixa seu rastro lento pela corrente e por vezes se mostra em um grande salto, um tumulto de ideias, movimento ondulatório, rítmico, que dança com a água. Mas também, por vezes se esconde entre as algas e a turbidez das águas, instaura-se um vazio. E desaparece, não adianta persegui-lo. Mas ele sempre volta à mente. O pensamento aqui, nos momentos que se fazia escrita, por vezes se desfazia com o vento e desaparecia entre as águas, e por vezes voltava verde a brotar e saltava com força. Mas aí já eram outros pensamentos.

Escrevendo. Ali no instante da escrita que tudo se transmutava, no bater do teclado, no raspar da caneta sobre o papel, no reler o escrito e no escrever o novo. Como a criança que havia acabado de aprender a ler, que juntava letras e sílabas ainda com dificuldade, também aprendi a escrever, sem me preocupar com como iriam ler, só escrevia. Rasguei os papéis, rasurei as palavras, apaguei, risquei por cima. Com um traço curto, delicado, feito a bico de pena, outras vezes com um traço grosseiro, mal educado, feito a carvão. Quem olha de perto só vê as garatujas do menino.

Larossa escreveu que ao ler, escrever, ver e escutar com o coração aberto, volta-se para si mesmo, esse é para ele o efeito da melhor arte, cria-se uma relação interior com o que é lido, escrito, visto ou escutado. Instaura-se um silêncio, um vazio. Ele também recusa o uso autoritário da palavra, a

3 Personagem e alter ego de Virginia Woolf na obra "Um teto todo seu".

arrogância dos que sabem, a soberba dos proprietários de certezas, a segurança dos especialistas, e reafirma que ao ler e escrever com a estranheza, com a contradição, com o que nos desestabiliza e nos inquieta, nos fazemos, nos desfazemos e nos refazemos. Escrever como forma de continuamente deixarmos de ser o que somos para sermos outra coisa.

Larossa, sobre a escrita de Rousseau, uma escrita contra a escrita:

sou palavras, estou feito de palavras, mas as palavras não me dizem, tenho de fazer calar as palavras que não me dizem, tenho de calar, e quando as palavras calam e me encontro na intempérie, pergunto “que sou?”, não posso deixar de me perguntar porque já não tenho as palavras que me asseguravam, essas palavras que queriam me dizer, mas nas quais não me reconheço, e já estou outra vez nesse espaço sem palavras, mas sem palavras não posso responder a essa pergunta que me inquieta, e tenho de falar, mas falar é impossível, e calar é impossível, e estou só, e, para não me sentir completamente desgraçado, tenho de continuar contando meu conto a mim mesmo, mas meu conto não me diz, e logo o contar já me escapa, e a pergunta por quem sou volta a me inquietar, e tenho de falar, e não posso falar, e estou só.

Me perco e me encontro nessas palavras mais do que nas minhas próprias.

Não me basta viver a experimentação da pesquisa, não me basta olhar para a infância como potência de invenção se com isso e a partir disso produzo o mesmo, preciso que essa potência atinja com força também a escrita, escrita de palavras, de sons, de imagens, de corpos, de instantes, de vozes e de silêncios.

Mas escrever dói.

Os músculos se contraem. O corpo se enrijece de tanta força que derrama, por vezes inútil.

Nenhuma palavra. O nada me encara de frente.

É difícil defrontar o branco. O vazio. O fracasso. O inesperado. Para onde ela vai me levar?

Ou será que eu a levo para algum lugar?

Escrever é como vender a alma, palavras de Clarice. É preciso assumir o risco de perder-se no caminho das palavras, de renunciar a si próprio, de errar e de mostrar o erro, de sentir o não sentido, de perder a fala e de se encontrar com o silêncio e com o eco. Clarice também escreveu que escrever é um dos modos de fracassar. A escrita desgastada, silenciosa, que dói e que não quer sair, a insuficiência da linguagem, incapaz de dizer o que se quer dizer, a escrita inquieta que faz surgir perguntas, a escrita inacabada que jamais traz a resposta.

A escrita como prática de si só existe no vazio, sem o vazio não há espaço para a criação. Ao aceitá-lo como parte do processo, cria-se um intervalo que permite explorar o que se está

sentindo. Escrever é perseguir a lacuna. Escritas comedidas, instrumentalizadas temem o vazio, enchem-no de palavras e mais palavras de informar, repete-se a própria experiência, toma-se o conceito para si, apropria-se institucionalmente dele.

A escrita crianceira, que desobedece a essa instrumentalização, força que outras formas de conexão se criem no próprio ato da escrita, derruba as certezas, revisita a própria experiência, instaura nela o caos, provoca o pensamento. A escrita precisa ser pensativa.

A escrita que desapega da necessidade de ser polida, bem educada, fide(digna) e até de ser poética, de ser esteticamente harmoniosa, floreada e inacessível. A escrita descomplicada porque não exige entendimento, a escrita desconfortável, que incomoda porque escancara os limites da palavra, porque assume os tropeços e escreve com eles.

Benjamin, caminhando e perdendo-se na *Rua de Mão Única*, revela em sua escrita rastros de memórias de infância. Traz imagens, alegorias e fragmentos escritos para pensar o processo de construção do próprio pensamento. Ensaia, se perde, desvia, pausa, salta.

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução.

Perder-se no pensamento como Benjamin se perdia nas cores, nos céus, em um livro, no tilintar do telefone, no bater de asas da borboleta prestes a ser capturada, na poeira de suas moradas demolidas pelo tempo, no silêncio e no branco da neve que caía lá no fora, nas luzes e nas sombras da cidade. Algumas vezes erre o caminho, perder-se é pisar no próprio erro, como Clarice, (...) *só fico eloquente quando erro, o erro me leva a discutir e a pensar*. O erro me levou a pensar e a escrever, mas como relatar em palavras de informar, o vivido? Terei de inventar! Mais uma vez, invento o já inventado com palavras de Clarice, *Viver não é relatável, viver não é vivível*.

Mais do que me tornar uma pesquisadora de infâncias, almejo chegar ao *criançamento* da pesquisa, avançar ao nível de instrução que tem a criança no uso da linguagem, torná-la brinquedo, renunciar as certezas, desobedecer as normas e escrever como quem escreve pela primeira vez.

Palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo. Como não ascender ainda mais até na ausência da voz? escreveu Manoel. Como avançar para o começo? Como inventarmos de novo as palavras e seus significados? Como alcançar a *palavrabrinquedo*? Perguntas sem respostas.

Escrever essa dissertação foi como (des)(re)aprender a escrita, como dizer gaguejos, como ascender às garatujas. Eu poderia ter esmiuçado os conceitos, traçado os métodos, analisado os dados, e eles estavam lá, a infância, a imagem, a fotografia, tudo pode visto com as lentes de especialista, mas não faz

parte da competência da escrita acadêmica dar expressão para aquilo que eu precisava. Aqui, nesses encontros, a escrita acadêmica nos amorteceria, despotencializaria a força de vida inventiva que se criava naquele experimentar. Era preciso atingir o criancamento da palavra para dizer das imagens inventadas pelas crianças.

Ao pesquisar infâncias não levei as normas a tiracolo, deixei-as do lado de fora, não segui as etapas, experimentei o inesperado, levei meu corpo, meus olhos de ver, ouvidos de escutar, mãos de sentir e o espírito de brincar. Ao escrever continuei a brincadeira, baguncei as palavras, por vezes não consegui, é penoso o desaprender.

Clarice, mais uma vez Clarice (como ela sabia tanto sobre mim?), como forma de se divertir com o pensamento e sabendo estar no caminho certo do não entender, começou um rol de sentimentos, uma listinha dos sentimentos dos quais não sabia o nome. Suas perguntas me levam a pensar, e não a procurar respostas. Como falar do que é impossível de nomear? Como escrever sem descrever? Como alcançar em palavras o vivido na pele?

Abri esse ensaio com uma pergunta e vou fechá-lo com outras:

(Inspiradas no livro das Perguntas, de Pablo Neruda):

Como não seguir as regras do jogo
e ser aceita nele?

Para que(m) servem as perguntas
com respostas?

Quantas milhões de perguntas
existem dentro de uma única resposta?

Em que momento no tempo
esquecemos como se inventa?

Porque as crianças não podem
nos orientar em nossas pesquisas?

Por que escrevo melhor com as mãos dos outros
do que com as minhas próprias?

Para onde vão as palavras
que usamos e jogamos fora?

Podemos pensar o que ainda
não foi nomeado?

Podemos nomear o que ainda
Não foi pensado?

O que fazer quando a áspera pedra cinza
diz mais do que qualquer palavra?
Por que me cobram tantas palavras
se elas nunca seriam suficientes?

O QUE TANTO NOS **GRITAM**
AS PÁGINAS EM BRANCO?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Editora Leya, 2010.
- BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas volume II**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 1. ed. Ebook São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- LAROSSA, J. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 6. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- LISPECTOR, C. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- LISPECTOR, C. **A Paixão Segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio De Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, C. **Á Hora da Estrela**. Rio De Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, C. **Todos os Contos**. Organização Benjamin Moser. 1. Ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2016.
- LISPECTOR, C. **Todas as crônicas**. Organização Pedro Karp Vasquez. 1. Ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2018.
- NERUDA, P. **Livro das Perguntas**. Tradução de Olga Savary. Porto Alegre: L&M, 2004.
- PESSOA, F. **O Livro do Desassossego**. 2.ed. Companhia das Letras. 2006.
- SKLIAR, C. **Desobedecer a Linguagem: educar**. Coleção Educação: Experiência e Sentido. Tradução Giane Lessa. 1. Ed. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2015
- WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Tradução de Bia Nunes de Sousa. 1. Ed. Tordesilhas, 2014.